



# 7º Encontro Internacional de Política Social 14º Encontro Nacional de Política Social

Tema: Contrarreformas ou Revolução: respostas ao  
capitalismo em crise

Vitória (ES, Brasil), 3 a 6 de junho de 2019

---

Mesa Coordenada Juventudes diante da crise estrutural do capital: entre violações e resistência.

## AS CONTRIBUIÇÕES DA ONTOLOGIA DE LUKÁCS E DA DECADÊNCIA IDEOLÓGICA PARA ENTENDER AS BASES DE SUSTENTAÇÃO DOS ESTUDOS SOBRE JUVENTUDE

Hingridy Fassarella Caliari<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo tem por objetivo dialogar sobre a ontologia e a decadência ideológica, desenvolvidos por Lukács, com a finalidade de realizar a interação com as produções que contribuíram no campo de estudos das juventudes a partir de diferentes epistemologias, como os estudos do sociólogo Mannheim. Os resultados preliminares caminham para reafirmar a importância dos debates ontológicos que estão presentes em todas as esferas da vida social, aliados a necessidade de compreensão das bases de sustentação dos estudos sobre juventude. Esta crítica abre caminhos para compreensão materialista da ontologia do ser social jovem.

**Palavras-Chaves:** Juventudes; Ser Social Jovem; Decadência Ideológica; Ontologia; Materialismo.

### Abstract

This article aims to discuss ontology and ideological decadence, developed by Lukács, in order to understand the interaction with the productions that contributed in the field of studies of the joints from different epistemologies, such as the studies of the sociologist Mannheim. The preliminary results go on to reaffirm the importance of the ontological debates that are present in all spheres of social life, as well as the necessity to understand the bases of sustentation of the studies on youth. This critique opens the way to a materialist understanding of the ontology of the young social being.

**Keywords:** Youth; Young Social Being; Ideological Decadence; Ontology; Materialism.

## INTRODUÇÃO

Os estudos aqui apresentados são resultados prévios do trabalho em torno da tese doutoral em construção no Programa de Políticas Públicas e Formação Humana, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), realizada com apoio da Capes, através da concessão de bolsa. Esses estudos tiveram início há mais de quinze anos, ainda em 2003 por meio das pesquisas realizadas através do Núcleo de Estudos das Juventude e Protagonismo (NEJUP) na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), ligado ao departamento de Serviço Social.

O que ora apresento é, portanto, fruto de inquietações teóricas acumuladas, associadas as consequentes respostas preliminares encontradas para parte das perguntas que sustentam a elaboração da tese, entre elas, O que é juventude? Vale ressaltar que

---

<sup>1</sup> Assistente Social, Mestre em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo, Doutoranda em Políticas Públicas e Formação Humana, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), bolsista CAPES. E-mail: <hingridyfassarella@gmail.com>.

são apontamentos que estão sendo desenvolvidos com mais detalhamento na tese. Portanto esse princípio de diálogo é parte de um todo e, com certeza, ao iniciar a leitura, especialmente por esse motivo, nos depararemos com incompletudes, desde já peço desculpas por isso.

A justificativa para este sucinto trabalho é a necessidade de promover estudos materialistas que contribuam para entender as juventudes, ou o ser social jovem, e suas questões, está aliada também a importância que alguns estudos tradicionais tem ganhado na contemporaneidade, reafirmando concepções e epistemologias, como os estudos do próprio Mannheim, que será mais detalhado adiante. O fato de autores tradicionais, como Mannheim, estarem sendo lembrados em especial no campo da educação e das juventudes, inclusive resgatando o seu método<sup>2</sup>, salienta a necessidade de compreensão sobre seus pressupostos, seus objetivos e como ele contribuiu para o desenrolar da sociologia do conhecimento, assim como para a sociologia da juventude.

Devido à relação que tiveram, Lukács e Mannheim, especialmente na segunda década do século XX, é possível estabelecer um diálogo entre eles. Essa interação se desenvolveu aqui entre a ontologia do ser social aliada ao movimento da decadência Ideológica, e entre os estudos e métodos de estudos propostos por Mannheim, que, entre outras coisas, contempla análises diversas sobre geração, educação, política e também sugere a manipulação das massas como processo educativo, e portanto, deixam evidentes sua ontologia, mesmo não tendo sido seu objetivo estudar o ser. Para compreender essa relação, o texto segue subdividido em: 1.A decadência ideológica; 2.Estudos sobre juventude; 3.A interação entre Mannheim e a decadência ideológica, e por fim, 4.Considerações finais.

## **1.A DECADÊNCIA IDEOLÓGICA**

Não pretendo deixar evidente e nem teria condições objetivas nessas poucas linhas, o tratado de Lukács de *Para Ontologia do Ser Social*, que inclui também resgatar a ideia de ontologia do ser social já nos estudos de Marx. Lukács deixa evidente que os estudos de Marx revelam um tipo de *ser* e, é esse *ser*, entrelaçado socialmente a suas origens

---

<sup>2</sup> Como o fez a professora Vivian Weller, com afinco, traduziu obras e elaborou estudos tanto sobre as contribuições de Mannheim quanto atualizando e utilizando o seu método documentário de interpretação para desenvolver suas próprias pesquisas.

naturais que é problematizado e filosofado em *Para Ontologia do Ser social* e também aparece nos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*.

[...] o homem (o trabalhador) só se sente como [ser] livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar, quando muito ainda habitação, adornos, etc. e em suas funções humanas só [se sente] como animal. O animal se torna humano, e o humano, animal. Comer, beber e procriar etc., são também, é verdade, funções genuína[mente] humanas. Porém na abstração que as separa da esfera restante da atividade humana, e faz delas finalidades ultimas e exclusivas, são [funções] animais. (MARX, 2010, p. 83)

Marx (2010) ao descrever as especificidades humanas a partir das características assumidas no trabalho estranhado<sup>3</sup>, desenvolvido no sistema capitalista, resgata no homem trabalhador o ser orgânico, que prevalece nele, e abre caminhos para entender o entrelaçamento categorial que há em todos os tipos de ser (inorgânico, orgânico e social). A relevância aqui é compreender que num processo de transformação e salto teleológico, entre um gênero e outro, a superação não pressupõe a supressão das categorias anteriores, mas ao contrário, há um absolvição delas. Essa ideia de superação categorial com absorção e permanência das características anteriores de Lukács é resgatada de Hegel. Portanto o ser social é constituído de suas formas anteriores, em que se sobressaem as características sociais até mesmo no que permanece do salto teleológico dos seres anteriores. É daqui que parte a ideia apropriada de Marx (2010) que o mais complexo explica o menos complexo, que a anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco.

A questão da gênese do ser humano, sua trajetória e fim, está fundada, portanto, na esfera biológica, e, por sua vez, pressupor a coexistência com a natureza inorgânica, numa interrelação do ser inorgânico, orgânico e social, associada a suas distinções na natureza, traduz a situação ontológica e é o ponto de partida fundamental para o seu entendimento. No entanto, ao invés de mergulhar na ontologia do ser social, nas suas raízes, nessas poucas linhas, pretendo deixar em evidência o que instigou Lukács a estudar a origem do *ser*, para compreendermos como é fundamental esse caminho, tendo em vista a capilaridade e a inserção na vida cotidiana que o debate ontológico assume.

<sup>3</sup> Para entender melhor como Marx traduz trabalho estranhado, consultar *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.

Aqui vale ressaltar, como lembra José Paulo Netto (2012, p. 16), que "Ao avançar para a construção da sua ética, Lukács foi levado a reconhecer que haveria de fundá-la expressamente na especificidade do ser social". Então foi em busca de desenvolver a ética, que Lukács mergulhou na ontologia do ser social e a ética nem pôde ser escrita ao final, dado o tamanho do trabalho e empenho realizado na elaboração da ontologia que o ocupou até os últimos dias de vida.

Os estudos ontológicos contribuem para entender o caminhar das ciências e da filosofia, assim como para compreender o dia-a-dia, seja na forma de impulsionar o pensamento criativo e a expansão das ideias ilimitadamente, seja ao promover a manipulação das massas. Um exemplo é a propagação da ontologia religiosa<sup>4</sup> que disputou com a ciência, verdades referente ao avanço da astronomia, especialmente durante a Idade Média, como na defesa do antropocentrismo e do geocentrismo em oposição aos estudos do heliocentrismo de Copérnico, por exemplo. Levando para fogueira filósofos como Giordano Bruno e punindo com prisão domiciliar e privação de publicação da escrita, cientistas como Galileu Galilei, conforme relata o físico português Rui Moreira, sobre a revolução científica do século XVII.

Foi construindo a história ontológica que Lukács ergueu os pilares para criticar e desenvolver a ontologia do ser social, de base materialista, concreta, fundada no cotidiano. É fato que tudo carrega uma ideia de ser e esse movimento de Lukács buscou enfatizar isso. Se um programa de TV, um filme, uma série, um livro, uma piada, as políticas públicas, a proposta de educação, o plano de governo para o país, as ciências, a filosofia, tudo, carrega uma ideia de *ser*. Como já alerta Lukács (2018a, 2018b) as relações sociais estabelecidas na vida cotidiana carregam uma ideia de *ser*, mesmo quando não estão dispostas a discuti-las, ou mesmo quando acham não precisar pensar nelas. O entendimento da ontologia e do papel que ela exerce na história e no pensamento humano é relacionado a qualidade ontológica do ser humano, presente em todos os processos sociais. Ao retratar o seu objeto de pesquisa, Lukács deixa evidente essa relação

---

<sup>4</sup> A ontologia religiosa que sobrevive na contemporaneidade, aliada a teologia e a metafísica, assim como a ontologia bimundal que contou com o aprimoramento filosófico de, entre outros, Platão e Aristóteles, aliada a ontologia crítica, ao idealismo e ao debate do realismo, e também a ontologia do ser social, podem ser analisadas com bastante detalhe em *Para Ontologia do Ser Social I*, onde Lukács realiza uma verdadeira viagem histórica e elabora uma crítica ao percurso da ontologia na filosofia, a partir da implicação gnosiológica dos filósofos envolvidos.

O papel da ontologia na história e no presente do pensamento humano é, portanto, concretamente determinado pela qualidade ontológica do ser humano enquanto tal e por isto é - de fato, não apenas abstrata e verbalmente - ineliminável de qualquer sistema de pensamento, de qualquer esfera de pensamento e, obviamente, sobretudo, de qualquer filosofia. (LUKÁCS, 2018a, p. 9)

Portanto, o que pretendo aqui reforçar é o movimento iniciado por Lukács de resgate do debate ontológico, e correlacionar a sua importância especialmente aos estudos sobre juventude. Da necessidade de pensar essa qualidade *do ser* e compreender a presença em todas as esferas de pensamento, das mais abstratas as mais empíricas, esse movimento possibilita compreender as interrelações na essência delas e também os limites que elas carregam. Lukács ao propor a ontologia do ser social, fundou-a no materialismo, no cotidiano, no concreto, desenvolveu a origem do ser, ou seja, entre outros resultados, desmantelou as ideias anteriores, fossem elas baseadas no realismo, ou no idealismo, ou na teologia e na metafísica. Assim aconteceu, por exemplo, nas críticas de Lukács feitas à ontologia religiosa dos dois mundos, expressa em *Para Ontologia do Ser Social I*, que defende a existência do mundo material e do mundo transcendental. Em que a vida cotidiana material é vivida em busca de um resultado transcendental, limitando os sujeitos e os disciplinando a viver conforme diversas regras e dogmas em busca do paraíso, a partir da culpa, do pecado e da vigilância onipresente de um ser transcendente.

A presença da esfera ontológica no cotidiano é possível de ser verificável quando analisamos fatos recentes como, por exemplo, na crítica de projetos como o “escola sem partido”<sup>5</sup>, ou mesmo na redução de verbas para as universidades públicas, que foram associadas a espaços promotores de balbúrdia, pelo então ministro da educação Abraham Weintraub. Entre as inúmeras defesas e contrapontos, existem sustentações que englobam um universo cultural, mas estão vinculados estritamente a uma ideia de *ser*. Nesses casos, ora *o ser* se apresenta como capaz de ser direcionado por uma ideologia disseminada na escola ou na universidade, completamente manipulável e sem autonomia, encontradas nos argumentos das defesas destes projetos. Ou ora aparece como um *ser* que, dada as suas infinitas possibilidades, é dotado de autonomia ontológica real, presente nos argumentos de oposição a provação de tais propostas.

---

<sup>5</sup> Para compreender melhor a proposta do projeto “escola sem partido” consultar o livro FRIGOTTO, Gaudêncio (org). ESCOLA “SEM” PARTIDO: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017. 144 pág.

Evidente que estamos falando de níveis de abstração diferentes, ao tentar entender a ontologia, a origem do ser social e suas categorias constitutivas e logo em seguida verificar como elas aparecem nas relações sociais concretas. Essa é uma viagem entre o momento ideal e momento real. Mas essa viagem de retorno, ou seja, a abstração que leva do singular ao universal, e o retorno, o caminho de volta, que leva a particularidade é fundamental, caso contrário o movimento de pesquisa, a filosofia, se torna inútil, assim como afirma o próprio Lukács, em *Para Ontologia do Ser Social I*.

Portanto, complexa como ontologicamente são as dimensões do concreto, e a reverberação delas no movimento das ciências, da filosofia e da própria política, faz com que os estudos e pesquisas que estão embebidos em ideias específicas de *ser*, quando apresentam qualidade depreciativa ontológica, se tornam instrumentos e vias de manipulação. Se ao defender uma ideia, seja de qual área for, as potencialidades do ser não forem pano de fundo, e a ciência objetiva e a busca pela verdade não for um fim, há limitação no entendimento dessa proposta, há uma defesa ontológica medíocre por trás.

Esse movimento é principalmente identificado nas ciências a partir da segunda metade do século XIX e refere-se a ciência a serviço do sistema, numa espécie de retorno, de benefício imediato, de salário. Como afirmar e critica Marx, no posfácio da segunda edição de *O Capital*, sobre o movimento que a economia política realizou após a revolução de 1848.

Não mais se trata de se este ou aquele teorema era verdadeiro, mas de se era útil ou prejudicial ao capital, cômodo ou incômodo, de se era contrário aos regulamentos da polícia ou não. Para o lugar da pesquisa desinteressada entrou o esgrimismo pago, para o lugar da investigação científica imparcial, a má consciência e a má intenção da apologética. (MARX, 2011, p. 123)

A religião, a ciência e a filosofia permaneceram num suposto pacto antiontológico travado em meio a Idade Média, ou seja, foram paulatinamente sendo entregues à igreja, à metafísica, à teologia, um campo tão rico à ciência e a filosofia, como o é o estudo da origem do *ser*, a ontologia. Esse fato aliado aos contornos que a ciência desenvolve no fim da revolução de 1848, com a chegada ao poder da burguesia, expressa a tendência entreguista e limitada, de sustentação do sistema em expansão, coroado com o advento de um novo gênero de positivismo.

Como historiador e crítico da economia clássica, Marx descobriu e escreveu, pela primeira vez a história dessa decomposição. A caracterização sumária dessa decomposição, feita por Marx no que diz respeito ao período 1820-1830, torna-se ao mesmo tempo uma exposição e uma crítica rica e

multilateral da *decadência ideológica* da burguesia. Esta tem início quando a burguesia já domina o poder político e a luta de classes entre ela e proletariado se coloca no centro do cenário histórico. (LUKÁCS, 2010, p. 51, *grifo nosso*)

A tendência geral dessa época, fim do século XIX e início do século XX, foi a eliminação definitiva de todos os critérios objetivos de verdade, substituindo-os por procedimentos que permitem manipulação ilimitada dos fatos concretos, o que influenciou diretamente o conhecimento científico. Esse foi o princípio do movimento que Lukács chamou de *decadência Ideológica* (LUKÁCS, 2010).

Essa liquidação de todas as tentativas anteriormente realizadas pelos mais notáveis ideólogos burgueses no sentido de compreender as verdadeiras forças motrizes da sociedade, sem temor das contradições que pudessem ser esclarecidas; essa fuga numa pseudo história construída a bel prazer interpretada superficialmente, deformada em sentido subjetivista e místico, é a tendência geral da *decadência ideológica*. (LUKÁCS, 2010, p. 53, *grifo nosso*)

A *decadência ideológica* é uma tese crítica e polêmica de Lukács, que abriu caminhos para entender os limites do posicionamento que assumiu as ciências modernas de sustentação da ordem estabelecida, colocando em questão inclusive os critérios de verdade e entrando numa verdadeira manipulação de dados. O interesse primeiro em entender a origem dessa tese de Lukács e como ela se apresenta na realidade concreta, refere-se ao fato de identificar pontos de coesão entre as produções sobre juventude e essa manipulação das ciências.

A base teórica hegemônica utilizada como aparato para entender a juventude em si e as questões que a envolvem, é marcada por estudos de diversas epistemologias, recheadas de empirismos, que tem início ainda no século XVII, e se reproduzem numa perspectiva de estudos de estudos. Essas características acabam por fornecer uma compreensão restrita conceitualmente, limitada a um tempo histórico específico e marcada pela manipulação de dados e teoria. Em alguns momentos, como afirmado em Caliarì (2018), essa base teórica é encoberta de um criticismo superficial que se desmancha ao ser aprofundado.

## 2. ESTUDOS SOBRE JUVENTUDE

A forma como cada sociedade desenvolve a convivência entre as gerações e as relações sociais entre todos os seres, expõe a ontologia dominante em dada época. Na Idade Média a juventude era um não *ser*, evidenciado pelos estudos realizados com os

documentos históricos que sobrevivem a nossa época. O historiador italiano Giovanni Levi e o francês Jean-Claude<sup>6</sup> Schmitt organizaram um livro com diversos artigos de historiadores que são especialistas nesses documentos, e nessa obra é possível identificar essa configuração do não ser.

Foi somente no século XVII, que surgem estudos específicos dirigindo esforços à compreensão do ser como homem, criança e jovem. Flitner (1968) informa que esse interesse parte do século XVIII, na aliança conjunta e contraditória entre estudos da "Epistemologia Empírica<sup>7</sup>", somada ao "Empirismo<sup>8</sup>" e à "Pedagogia Pietista<sup>9</sup>" e cita os estudos pioneiros de Rousseau sobre juventude.

No entanto, século antes Locke também inicia algumas reflexões que envolvem o jovem, marcadas por características generalistas, de reprodução do contextual vivido na Inglaterra do século XVII, numa espécie de filosofia empirista, que se parece com bases para uma pedagogia. Nas obras *O Ensaio sobre o Entendimento Humano* e também em *Alguns pensamentos referentes às Educação* há a objetivação das possibilidades do conhecimento, da tarefa comum de punir para educar, além de colocar o jovem e também a criança como o sujeito que recebe e não que troca, tendo em vista que são vazios, nascem como uma 'tábula rasa'. Nesses estudos Locke sinalizava o seu entendimento humano, o entendimento de *ser*.

Já Rousseau, apesar de alertar no prefácio o ineditismo do assunto tratado por Locke e por ele, ressalta a importância do debate "Meu assunto era totalmente novo depois do livro de Locke e receio muito que continue a sê-lo ainda depois do meu." (1979). A importância e ineditismo da obra de Rousseau é também identificado por Flitner (1968), que o considera como um pensador que valorizou a juventude, que

---

<sup>6</sup> É fato que a juventude sempre existiu em todos os tempos históricos, desde quando o ser social habita o planeta, o que se diferencia é a formas singular que cada sociedade contempla, acolhe, entende e formula esse momento da vida humana, do ser social jovem. Desde a paidéia grega (SCHANAPP, 1996), com todos os símbolos, instituições, práticas e educação, que constituíam esse emaranhado que dava forma e tornava mais humana a juventude, para habitar as cidades. Passando pelos mitos romanos, como o de Rômulo e Remo (FRASCHETTI, 1996), dois jovens gêmeos que após serem abandonados, vingarem a mãe e restituírem o reino do avô, decidiram junto com outros companheiros, também jovens, fundarem uma cidade nas margens do rio Tibre, onde mais tarde se ergueu Roma.

<sup>7</sup> Entendida como "relevante no processo de preenchimento gradativo da psique vazia do recém-nascido, de inculcação do período infanto-juvenil na literatura romântica..." (p. 38)

<sup>8</sup> Já no Empirismo "Encontramos as primeiras doutrinas do desenvolvimento genético psicológico e de sua periodização, além de abundantes observações referentes à idade juvenil em John Locke e Davida Fordyce" (FLITNER, 1968, P. 38).

<sup>9</sup> Já a Pedagogia Pietista "dirigia sua atenção para a experiência da alma, para os diversos fenômenos inconfundíveis da autoanálise e do contato com Deus com que essa doutrina se coloca, juntamente com ocorrências católicas paralelas...", portanto "se ocupou de questões referentes a fé" (FLITNER, 1968, P. 38).

sistematizou e analisou essa fase da vida, que deu importância devida a ela. Ao contrário do que penso ter realizado, em linhas gerais, Locke, ao considerar o sujeito criança/jovem vazio. Em *Emilio ou para Educação*, Rousseau ressalta aspectos de valorização da infância e da juventude e relata uma especial preocupação no entendimento do que a criança é antes de ser moldada e educada da forma como os adultos querem que elas sejam. Na obra de Rousseau, portanto, o ser criança e jovem já é identificado como *ser*. Há, de certa forma, uma preocupação ontológica no debate proposto, mesmo não sendo uma ontologia emancipada.

Fato é que muitas produções do século XVIII se caracterizavam por compêndios de descrições de relatos de vida, altamente empíricos; somados a observações descritas em formatos de diários, pelos próprios jovens. Esses materiais revelavam a situação de vida e também conjuntural, e abriram caminho para diálogos nas ciências diversas. Os problemas de pesquisa social que envolviam os relatos sobre a juventude eram mais ligados ao abandono e a criminalidade. Carregados de empirismos essas produções foram pouco consultadas pelos estudiosos que se ocuparam em escrever sobre a juventude no século seguinte.

No século XIX os interesses para com a juventude estavam centrados em diversas psicologias "O século XIX em geral fez pouco caso do século XVIII. A filosofia idealista e os métodos educacionais neo-humanísticos não foram propícios às pesquisas empíricas da infância e juventude."(FLITNER, 1968, p. 44). A metodologia utilizada dava vazão a questionamentos e "ainda ostentavam a palavra 'empírico' no título, sendo porém geralmente de natureza especulativa" (FLITNER, 1968, p. 44). Foi assim que de acordo com Tavares (2012) os primeiros esforços teóricos marcados pelo empirismo registravam ainda no século XIX que "a função social da juventude era interagir com a sociedade maior" e por meio da socialização ser inserida no sistema de valores existente.

Fato é que as produções mais substanciais sobre juventude, são do início do século XIX. O primeiro estudo monográfico substantivo foi produzido pelo psicólogo Stanley Hall com a obra *Adolescence* (1904) que marcou época, já no século XX. Nessa obra Hall apresenta um quadro que se refere a condições gerais de vida do ser humano genérico, incluindo os jovens, e associando ao problema do enquadramento no mundo adulto. Abrindo espaço para debates sociológicos de juventude com a característica de mesclar aspectos sociais, psicológicos e biológico.

Conforme já relatado por Caliari (2018) há uma ligação lógica entre o aumento de problemas urbanos vinculados à juventude, no princípio da urbanização, início do século XX, e as respostas acadêmicas e públicas dadas a eles. É como se ocorresse um movimento inverso na ciência: ao invés dos jovens serem estudados por si em um movimento histórico articulado na sociedade de complexos, como *ser*, eles foram estudados a partir dos problemas da urbanização que lhes eram atribuídos, ou seja como as causas dos 'desajustes sociais'. O fato agravante é que a reinversão ainda não aconteceu e muitos estudos ainda são pautados por suas bases teóricas tradicionais, pregadas a decadência ideológica.

As ciências sociais do princípio do século XX, em específico os estudos sobre juventude, começam a dar respostas aos questionamentos públicos das expressões das juventudes nascentes e se envolvem numa espécie de sincretismo, transpondo as palavras de Netto<sup>10</sup>, característico da miscelânea dos estudos em que tudo podia ser aproveitado, reunindo psicologia, biologia e ciências sociais tentando encontrar uma generalização para categorizar o ser jovem que é infinito de possibilidades. Há uma necessidade aparente de dar conta de tudo e não se chega a nada, a não ser em traduções empíricas de expressões culturais diversas.

Sobre as correntes teóricas que continuam a influenciar o debate de juventude na contemporaneidade, especialmente nas ciências sociais (entendendo aqui o sincretismo), é possível portanto identificar centros principais de disseminação de conceitos e pesquisas sobre juventude que ainda se destacam:

- Os EUA com os estudos pioneiros da universidade de Chicago marcados pelo pragmatismo e Interacionismo Simbólico. Somados aos trabalhos do estrutural-funcionalismo, de grande peso no campo da juventude, que se tornou a vertente tradicional de estudo. Com destaque para as produções de Parsons e Eiseisntad, e o fortalecimento da ideia de cultura juvenil;
- Os estudos europeus, especialmente os desenvolvidos pelo *Centre of Contemporary Cultural Studies* (CCCS) na Inglaterra, em Birmingham, conhecidos como o culturalismo, com destaque para Stuart Hall e Paul Willis, com pesquisas envolvendo etnografia, literatura, entre outros, que atualizou e disseminou a ideia

---

<sup>10</sup> Em referência ao termo utilizado pelo professor José Paulo Netto, para explicar um momento vivido pela Profissão de Serviço Social, mas que cai perfeitamente bem nesse caso, ao expressar o uso indiscriminado de referenciais teóricos de diferentes matizes, que em sua maioria não dialogam.

de *culturas juvenis*, que acabou por ser associada a propagação da ciência pós-moderna;

- Somados aos trabalhos de Karl Mannheim, sociólogo húngaro, que se vincula teoricamente aos estudos estadunidenses, apesar de ter realizado seu trabalho parte na Hungria, na Alemanha e também, parte na Inglaterra. Seus estudos são os mais utilizados como base teórica ainda hoje, com especial destaque para a teoria das gerações e a sociologia do conhecimento.

Tendo em vista a especificidade dos estudos de Mannheim e a importância que eles assumem, são neles que nos deteremos a partir de agora.

### 3.A INTERAÇÃO ENTRE MANNHEIM E A DECADÊNCIA IDEOLÓGICA

A vontade de entender o fio condutor entre os processos sociais, o movimento da história, é a preocupação que permeava tanto os estudos de Lukács quanto os de Mannheim, conforme afirma Löwy em artigo publicado sobre a relação entre os dois. “Quaisquer que sejam suas diferenças de caráter e orientação, existe uma espécie de sutil afinidade entre eles”(p. 1, tradução nossa). Em uma das diversas cartas trocadas, Mannheim afirma a importância que Lukács teve no desenrolar dos seus estudos, conforme pode ser identificado em parte de uma carta escrita por ele para Lukács: "seus escritos e sua personalidade tiveram um papel muito maior no meu desenvolvimento do que você possivelmente pode imaginar" (apud LOWY, p. 2, tradução nossa).

Karl Mannheim foi um sociólogo húngaro (1893-1947) que durante a sua vida se dedicou a diferentes estudos e para sistematizar parte deles me apropriou da interpretação realizada por Weller (2007, p. 1 e 2), que distingue três períodos distintos na vida do autor, quais sejam: primeiro o período da Hungria em que se dedicou a ‘temas literários e filosóficos’; Depois o período na Alemanha que foi de 1920 a 1933, que “corresponde à fase sociológica-filosófica, abrangendo trabalhos conhecidos como *O problema das gerações* (1928) ou *Ideologia e Utopia* (1929), [...] o livro *Strukturen des Denkens* (*Structures of Thinking*); e por fim o período na Grã-Bretanha, dedicado mais “a análises político-pedagógicas relativas a temas emergentes naquela época” aliado ao fato de estar como docente da na área da Educação na *London School of Economics and Political Science*.

O período de maior interesse para nós é o que se desenrola na Alemanha e na Inglaterra, momento em que Mannheim vai publicar sobre juventude, geração e educação, mas para conhecermos um pouco mais a interação entre Lukács e Mannheim, é necessário entender o primeiro momento. Ainda na Hungria Mannheim foi colega de Lukács e de outros tantos estudiosos em um mesmo grupo, chamado *Sunday Circle*, que se reunia todos os domingos entre os anos 1915 e 1918, na casa do poeta Béla Balázs, espaço que utilizavam para debates intelectuais e trocas de ideias, conforme relata Sarkozi (1986).

O afastamento entre Lukács e Mannheim se deu especialmente quando Lukács se aproxima da luta comunista, e também após a derrota da revolução húngara de 1919. Alguns trechos do debate sobre comunismo entre os dois são encontrados no diário de Bela Balazs<sup>11</sup>. Em diversos textos, Lukács (2018<sup>a</sup>, 2018b, 1959), expõe o incômodo com a forma como Mannheim seguiu desenvolvendo seu pensamento e começou a influenciar todo um campo de conhecimento, a partir de um método criado por ele, e também da hoje chamada sociologia do conhecimento, que tem no sincretismo teórico, a sua marca principal.

Esse incômodo com a forma como Mannheim desenvolveu seus estudos pode ser identificado também em Meszáros (2009), ao afirmar que a ordem estabelecida é dada como certa e imutável para ele, ao desenvolver um método de orientação democrática de valores. Para Meszáros (2009, p. 23) “a substância cinicamente *manipuladora* dessa estratégia educacional ‘científica’ vem à tona quando ele defende um tipo de esclarecimento para aqueles que estão destinados a desempenhar o papel de ‘liderança competente’, e um outro radicalmente diferente para o ‘homem simples’[...]”.

Essa identificação da defesa da desigualdade na atuação política, aliada à manipulação em pesquisa, colocou diversos estudiosos num campo de oposição à Mannheim, que sustentou estudos sobre a práxis no sentido imediato, desenvolveu a sociologia do conhecimento, e deu passos na direção da sociologia da juventude, ao estudar geração e educação. Desenvolveu um método para as ciências sociais, chamado método documentário de interpretação, capaz de dar forma ao contexto pesquisado, ao

---

<sup>11</sup> Trechos do diário de Belà Balaz podem ser encontrados em artigo publicado por Löwy (Karl Mannheim and Georg Lukács: The lost heritage of heretical historicismo, disponível em: <http://www.inco.hu/inco13/filo/cikk13h.htm>)

empírico, conforme descrever Weller (2007). Na nova ciência ele considerava o pragmatismo, o behaviorismo e a psicologia profunda.

A vinculação dos estudos de Mannheim com a decadência ideológica é visível tanto nas críticas feitas por Lukács, quanto nas próprias defesas de Mannheim, especialmente no período em que começa a escrever sobre educação e planejamento, sobre os problemas que ele identificava no cotidiano e a forma como ele encontrava para respondê-los. No capítulo sobre o Pensamento Conservador, constante no livro *Ensaio de Sociologia e Psicologia Social*, Mannheim revela que em seu método de estudo atribuiu centralidade ao elemento político no condicionamento social do pensamento, ressalta que em outros tempos essa centralidade referia-se a religião, como esse centro cristalizador, nos recordando sobre a ontologia religiosa. E vai além dizendo que não há diferenças entre filosofia, política e literatura, por exemplo (MANNHEIM, 1959). Essa tese do sociólogo húngaro, expõe uma face da manipulação nas ciências, contribuindo como exemplo para reforçar o que Lukács chamou de decadência ideologia<sup>12</sup>.

Essa chave de ligação das cadeias de pensamento que para Mannheim se dava na política, para Lukács ao contrário, ganha contornos filosóficos materialistas contribuindo para o desenrolar da ontologia do ser social. Portanto, o que no início os colocava em diálogo, aparece como o que mais os distingue: a tentativa de compreender o fluxo da história. No livro *El Assalto à la Razon*, Lukács apresenta um lista enorme dos autores que ele caracteriza como propagadores do irracionalismo alemão, como Schelling, Schopenhauer y Kierkegaard, Nietzsche y Dilthey, Simmel, Spengler, Scheler, Jaspers, Heidegger, Jünger, Tónnies, entre vários e Mannheim está no meio deles.

O sociólogo brasileiro Florestan Fernandes (1959) afirma que as análises de Mannheim, apesar de terem importância inquestionável, possuem limites, especialmente quando ele apresenta a manipulação como técnica de mudança social, caminho para a produção de conhecimento que interfere na realidade de forma direcionada. Abordou inclusive processos de alteração de personalidade, de valores socioculturais e de ordem social.

Ou seja, Mannheim se embrenhou num caminho de ciência como manipulação, exatamente o que Lukács tratou como decadência ideológica. Colocando a política

---

<sup>12</sup> Mais adiante discutiremos com bastante detalhe o que foi a Decadência Ideológica.

como central, se utilizando de sincretismo teórico para afirmar suas ideias, asseverada pela escolha metodológica. Mannheim traça um caminho que coloca a ciência a serviço do avanço do sistema capitalista, acabando com a verdade objetiva e contribuindo negativamente para compor a sociologia ocidental.

Sobre as produções de Mannheim tanto póstumas, que tiveram a contribuição e dedicação da sua esposa Julia Mannheim para serem publicadas e divulgadas, quanto as que conseguiu publicar ainda em vida, Fernandes (1958, p. 97) afirma que “lançam poderosa luz sobre as preocupações centrais, que nortearam a evolução do pensamento de Mannheim, e sobre a significação de sua obra na renovação das tendências pragmatistas na sociologia”.

Como precursor da Teoria das Gerações, Mannheim<sup>13</sup> (1968, p. 71) buscou entender algumas questões que se colocam no debate a seu tempo como educação e juventude. Para ele a juventude assume diferentes significados a depender da sociedade. Ele afirma também a importância do que a juventude traz de novo na convivência social.

Aqui Mannheim (1968) dá indícios do potencial transformador da juventude. Tendo em vista que, por não está disciplinada pelas normas sociais, a juventude, acaba tendo uma possibilidade de enxergar saídas, caminhos, brechas ante as questões que lhe são apresentadas. Reconhece que a não adequação e o questionamento as regras pode ser uma forma de construção do novo e não um desajustamento social, coloca o Mannheim num lugar diferenciado dos demais autores que estudaram geração e juventude em sua época.

Para Mannheim (1993) o problema das gerações foi traduzido por dois grandes caminhos: o Positivista e o histórico-romântico. “O primeiro caminho viu o ideal na quantificação da problemática, buscava captar quantitativamente os dados básicos do ser homem. O outro procedia qualitativamente, renunciava a luz do dia das matemáticas e interiorizava o problema<sup>14</sup>” (p. 194, tradução nossa).

Sua principal contribuição nos estudos sobre juventude, na teoria das gerações foi afirmar que os sujeitos que compartilham um mesmo momento histórico, com idade parecida e condição social/cultural semelhante acabam por processarem os

---

<sup>14</sup> O texto original em espanhol é: “el primer camino vio su ideal em la cuantificabilidad de la problemática; buscaba captar cuantitativamente los datos básicos del ser hombre. El otro procedia cualitativamente, renunciaba a la luz del día de las matemáticas e interiorizaba el problema.”(MANNHEIM, 1993, p. 194)

acontecimentos e experiências de forma também semelhante, conforme afirma Weller (2007). Isso nos leva a ressaltar o determinismo na análise pragmático/biológica/naturalista de Karl Mannheim que aparece em diversos outros momentos do seu texto.

Embora seja indispensável retratar a importância social que Karl Mannheim teve nos estudos sobre juventude, tendo sido ele o precursor a entender a potencialidade da juventude, num momento que os estudos somente a enxergavam como problema, a necessidade de identificar seus limites também é urgente. Vale registrar que o seguimento de seus trabalhos são marcados por uma ontologia duvidosa, em que a manipulação se torna o centro dos estudos sociais.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A busca por respostas, nestas poucas linhas, foi estabelecida em duas direções principais: Primeiro correlacionando a importância do debate ontológico em qualquer esfera de pensamento, especialmente naquelas que se dedicam a estudar o ser (no caso o ser social jovem) ou mesmo as questões que são expressões da questão social ou da vivência social que envolvem o *ser* (como cultura, violência, educação, entre outras); e segundo deixando explícitas as implicações decorrentes da absorção acrítica dos estudos tradicionais sobre juventude, que dada a epistemologia envolvida, apresentam ou uma ontologia medíocre, ou características da decadência ideológica, ou o que ainda é pior, estão embebidos nos dois.

Com isso pretendo reforçar a importância de estabelecer diálogos condizentes entre os estudos empíricos e seus embasamentos, tendo em vista que eles não se separam, que a teoria é o retrato dialético da práxis em movimento. Portanto, pensar a partir do método materialista e com ele introduzir as categorias do movimento dialético contribuem para apreender o concreto partindo do singular, indo ao universal e retornando ao particular, é uma possibilidade de chegar a síntese de forma comprometida, tanto com o avanço do conhecimento científico quanto com a transformação social, tendo em vista que essas dimensões não se separam.

#### **Referências**

CALIARI, Hingridy Fassarella. Contribuições de Lukács para pensar a Juventude. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES E SERVIÇO SOCIAL*, 16., 2018, Vitória. Tema: Em tempos de Radicalização do capital, lutas resistência e serviço social. **Anais...** Vitória: ABEPSS, 2018.

FERNANDES, Florestan. As Publicações Póstumas de Karl Mannheim. **Revista Brasileira Estudos Políticos**, n. 96, 1958.

FLITNER, Andreas. Os Problemas Sociológicos nas primeiras pesquisas sobre Juventude. *In: BRITO, S. (Org.). Sociologia da Juventude*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968.

LÖWY, Michel. **Karl Mannheim and Georg Lukács**: The lost heritage of heretical historicism <http://www.inco.hu/inco13/filo/cikk13h.htm>.

LUKÁCS, Georg. **Prolegômenos e Para a ontologia do Ser Social**: Obras de Georg Lukács volume 13. Trad. Sergio Lessa e Mariana Andrade. Maceió: Coletivo Veredas, 2018a.

LUKÁCS, Georg. **El asalto a la razón-**. La trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler, trad. Wenceslao Roces, México e Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1959.

LUKÁCS, Georg. **Para a ontologia do Ser Social**: Obras de Georg Lukács volume 14. Trad. Sergio Lessa e Mariana Andrade. Maceió: Coletivo Veredas, 2018b.

LUKÁCS, Gyorgy. **Marxismo e Teoria da Literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MANNHEIM, Karl. O Pensamento Conservador. **Essays on Sociology and Social Psychology** (cap II: "Conservative Thought"). Trad. Sylvia Lyra. Routledge and Kegan Paul Ltd.: Londres, 1959, pp. 74-119.

MANNHEIM, Karl. **El problema de las generaciones**. Reis N°62: Argenti. Abril-Junho-1993.

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. *In: SOCIOLOGIA da Juventude*. Vol. I. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da Economia Política. Livro I-O processo de Produção do Capital. Trad. Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

MESZAROS, István. **Estrutura Social e Formas de Consciência**: a determinação social do método. Trad. Luciana Pudenzi, Francisco Raul Cornejo, Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2009.

MOREIRA, Rui. **A Revolução Científica do século XVII**. Universidade de Lisboa: Departamento de Física – Faculdade de Ciências. Disponível em: <http://cfcul.fc.ul.pt/biblioteca/online/pdf/ruimoreira/revolucaocientifica.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2019.

NETTO, José Paulo. Apresentação. *In*: LUKÁCS, Gyorgy. **Para Ontologia do Ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou da Educação**. Trad. Sérgio Milliet. 3. ed. São Paulo: Difel, Difusão editorial, 1979.

SÁRKÖZI, Mátyás. The influence on Georg Lukács on the young Karl Mannheim in the light of a Newly Discovered Diary. **The Slavonic and East European Review: SEER**, v. 64, n. 3, p. 432-439, July. 1986. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/pdf/4209315.pdf?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/pdf/4209315.pdf?seq=1#page_scan_tab_contents).

TAVARES, Breitner. Sociologia da Juventude: da Juventude desviante ao protagonista jovem, da UNESCO. **Soc. e Cult.**, Goiania, v. 15, n. 1, p. 181-191, jan./jun. 2012.

WELLER, Vivian. Karl Mannheim: Um Pioneiro Da Sociologia Da Juventude. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13., 2007, Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 29 de maio a 1 de junho de 2007.